

ANDERSON SHON

O DIA DO  
YURI



O DIA DO

YURI 2

ANDERSON SHON

Livro revisado conforme o novo acordo ortográfico da língua portuguesa, ratificado em 2008.

Revisão: Lorena Ribeiro

---

**Aviso:** O conto O Dia do Yuri e O Dia do Yuri 2 contém cenas que suscitam problemas psicossomáticas vigentes em nossa sociedade. Se você não se sentir preparado ou estiver passando por alguma situação delicada, talvez não seja o melhor momento para ler os contos. Procure ajuda e se rodeie de pessoas que te queiram bem. Muito obrigado.

**"Não se pode falar de educação sem amor." *Paulo Freire***

# O DIA DO YURI

Olá, meu nome é Yuri Machado Souza Damásio, um nome incomum contrastando com um garoto muito comum. Tenho 12 anos, estou no 8º ano do ensino fundamental, sempre fui uma criança muito inteligente, por isso minha mãe exigiu que as séries iniciais me adiantassem, evitando o que ela chamava de “perder tempo pintando figuras do Mickey”. Não sou daqueles que ama a escola, as coisas ainda são do mesmo jeito, os professores brigam com a tecnologia e arrumam a sala obedecendo uma ordem alfabética, o que me deixa na última carteira, atrás somente de um Yuri Alencar. Sempre torci que na minha sala estudasse algum Zivaldo, Zeca, Zeferino... mas essa sorte nunca me alcançou.

As horas aqui dentro passavam lentamente e a minha triste inadaptação a essa falida convivência tornava tudo ainda pior. Aquele clichê dos populares acéfalos passeava pelos corredores, as aulas não instigavam, pelo contrário, pareciam canções de ninar, o chato é que sempre havia um diretor que te dedurava aos seus pais dizendo que não conseguia entender por que as crianças não valorizavam aquele espaço de ensino. A aluna da sala que ganhou o meu coração não fez questão de aproveitá-lo, ele estava tão colorido, com hidrocor na borda, feito com todo amor, mas ela mostrou para suas amigas, deu risada e o jogou fora. Eu daqui, do fundo da sala, vivia e revivia tudo isso na minha memória, pensava nessa realidade ansiando a hora de me despedir, de dizer tchau. A escola nunca foi um lar para mim, por isso, minha maior vontade é que chegue o dia em que eu possa me despedir.

– Marielle...

– Presente!

– Tamires...

– Presente!

– Victor Conceição...

– Tô aqui.

– Responda, presente, por favor.

– Presente.

– Vitor Almeida...

– Presente.

– Yuri... – eu nunca sabia se ele estava me chamando, chamando os dois juntos, ignorando a presença de alguns de nós ou só com preguiça mesmo. Como sempre respondíamos juntos, posso concluir que ele aproveitou dessa saída para exercer sua fadiga tradicional justificada pelo baixo salário e por aquele discurso de profissão mais importante do

mundo. Até concordo, em partes, mas isso não é um motivo para ele optar por não gastar a voz falando um nome a mais. Já era o fim da aula e pudemos ouvir o som que indicava que havia chegado os trinta minutos mais tortuosos do dia; o intervalo.

– Todo mundo para fora, eu tenho que trancar a sala. – A faxineira dizia isso com uma autoridade temporária. Não sabia o real motivo de ser obrigado a sair da sala, aqui é ou não é a minha segunda casa? Será que estão me obrigando a criar uma sociabilidade? Mas sociabilidade forçada não presta, não funciona, acho mesmo que eles têm medo de manter os alunos em sala para que eles não roubem os pertences dos que não estiverem lá. Isso seria um tiro no pé, seria a comprovação que a escola não acredita na sua própria educação.

Durante o intervalo, eu só fazia fugir daquilo que me afligia; fugia dos valentões no corredor, das meninas que riram da minha cara, da diretora que ficava vigiando se tinha alguém fazendo algo errado, dos professores furando a fila da lanchonete, estava dentro da escola para fugir dos males sociais que encontrava aqui, algo paradoxalmente contraditório. Eu sempre subia para o último andar e ficava lá sentado nos degraus esperando o tempo passar. Meu incômodo eram os casais que iam para lá aproveitar do mesmo isolamento o qual eu procurava. Eles se beijavam de forma enlouquecida, era quase a preparação para o sexo, e o pior, não me respeitavam, minha estadia ali era completamente ignorada, parece que jovens com ímpeto sexual não conseguem ver nada ao seu redor. Juro que no próximo intervalo eu trarei um pacote de camisinha e um painel luminoso indicando a minha presença. O sinal do intervalo bateu, era hora de voltar para sala.

– Todos vocês estão lembrados da nossa semana de conscientização dos males da depressão? – Um professor magrelo girando uma caneta esferográfica e andando de um lado para o outro falava. – Nós temos palestras, vídeos, apresentações artísticas, leituras de texto – Ele era o padrinho da nossa sala, estava mais preocupado em parecer um bom orientador do que na produção dos trabalhos, pois eu vivia com a mão levantada para conseguir que ele corrigisse o meu texto e nunca fui atendido –, todo mundo já sabe a sua função, vamos começar com a leitura dos textos em sala, seus pais estarão presentes, então caprichem. – Ele deu continuidade à aula e o dia escolar, finalmente, havia chegado ao seu fim. Fui andando para a casa, morava bem perto, mais ou menos, a três quadras dali. Passei por alunos que, surpreendentemente, ostentavam um sorriso de satisfação por todo aquele ambiente, algo inimaginável na minha cabeça. O que me fazia sorrir era essa breve caminhada, pois podia desfrutar de uma paisagem arborizada e de ar puro, duas coisas que estão entrando em extinção.

Minha casa era quase uma caverna; pela manhã estava completamente vazia, pela tarde via somente a minha presença e lá pelo meio da noite meus pais chegavam. Eles não andam muito bem, tentam me blindar das frequentes brigas, mas o número de lenços encharcados de lágrimas pelo chão é um sinal de como a relação dos dois está se deteriorando. Não sabia o que fazer, como ajudar, por conta disso, não fazia nada

A ideia de ter minha mãe vendo minha leitura (meu pai trabalha muito e nunca pode faltar) era excitante, talvez acabaria um pouco com a má impressão escolar formada nos últimos anos. Por conta disso, fui melhorar o meu texto, ver como poderia deixá-lo mais atraente, mais mágico. Entrei na biblioteca do papai, procurei por mais referências, já podia

ouvir os elogios do professor e a turma me aplaudindo de pé, seria fantástico, minha mãe me presentearia com um sorriso lindo de gratidão e orgulho. Uma explosão de ansiedade me invadiu, fiquei tão focado na minha missão que nem vi o dia passando em uma velocidade imensa.

Já era noite, corri para o quarto da minha mãe para avisá-la de amanhã, mas ela estava dormindo, roncava alto, parecia ter tido um dia bem longo. Deixei um bilhete do lado do seu celular, tudo bem explicado, esmiuçado e em um local no qual tinha a certeza de que ela veria. Agora era hora de voltar ao trabalho.

O sol raiou, as luzes atravessaram as cortinas e invadiram o meu quarto, me mandando sair da cama. Já havia algum tempo que minha mãe não vinha me acordar, estava querendo que meu senso de responsabilidade despertasse o mais cedo possível. Corri para o quarto dela e vi que nem o celular, nem o bilhete e nem ela estavam lá, espero que tenha lido. Tomei um café rápido e revisei – pela milésima vez – o meu texto. Em anos, foi a primeira vez que sentia novamente uma vontade impressionante de estar na escola. Tranquei a porta com um belo sorriso, aquele seria um grande dia.

Poucos alunos haviam chegado, mas a sala já estava aberta. Entrei, dei bom dia, ninguém me respondeu, dessa vez era justificável, as pessoas estavam tão focadas nos ajustes finais que não conseguiram tirar a atenção dos seus afazeres. Fiquei olhando pela janela e tive uma grata surpresa, ou melhor, duas; não só minha mãe veio me ver, meu pai também. A sala foi enchendo aos poucos, os pais já estavam posicionados em seus lugares e o professor se preparava para dar início às atividades:

– Antes de abirmos o dia nacional de consciência dos males da depressão, vou pedir para a aluna Laura ler um texto especial que ela mesmo fez e me pediu para usar como abertura do evento. – Eu queria ser o primeiro, mas não tem problema, Laura escreve muito bem, não será nenhum sacrifício ouvi-la. Ela começou:

– Hoje é o dia de conscientização dos males da depressão, mas nós chamamos de Dia do Yuri, em homenagem à memória do filho do senhor e da senhora Damásio. Depois do episódio de suicídio, muita coisa mudou, sentimos muito a falta dele e acho que todos carregamos um pouco da culpa. Ele só era mais uma criança querendo viver, mas o mundo não é tão fácil quando não se enxerga uma mão estendida, uma mão que te puxe para não cair nos primeiros obstáculos, uma mão que bate nas costas dizendo que deve seguir em frente. Infelizmente, nenhum de nós cedeu essa mão e agora ela está suja de sangue. Desculpe, senhor e senhora Damásio, nunca sentiremos a dor que vocês sentem, mas nos arrependemos muito e isso ainda é pouco. Os esforços para que nenhuma criança se sinta sozinha, isolada, se sinta um peso no mundo estão sendo feitos desde o momento que aquela triste notícia dilacerou a todos nós. É necessário valorizar a importância de cada ser, pois todos são importantes. Por conta disso, em nome dos alunos, em nome dos professores, em nome da escola, pedimos desculpas sinceras. Descanse em paz, Yuri, descanse em paz...

# DIA DO YURI 2

"Meus filhos não saem da TV. Eles assistem TV o tempo todo! Como eu vou controlar isso sem a escola? No último feriado, a escola inventou de não passar atividade, pois queria que eles descansassem. Eles não fazem nada: não trabalham, não varrem a casa. . . estão cansados de quê? Eu sou a favor da volta das escolas o quanto antes."

"Eu não aguento mais minha mãe me mandando fazer as coisas. Tem horas em que eu me tranco no quarto e só quero que o mundo acabe. Eu não consigo aprender nada, com isso de aula pelo celular. É impossível. Prefiro mil vezes ir pra escola do que ter que toda hora levantar pra fazer alguma coisa."

"Eu estou com medo do meu filho não querer mais estudar. Ele está desmotivado, nunca o vi ter notas tão baixas. Ele é um bom aluno, tem se esforçado, mas eu vejo ele se dedicando e não vendo resultado nenhum. A escola precisa entender que está todo mundo no mesmo barco."

"Está muito bom ficar em casa, por dois motivos: primeiro, para eles, dos sindicatos, eles não trabalham, ficam em casa. E outra: colabora para que a garotada não aprenda mais coisas, não volte a aprender, a se instruir."

O professor Sales tinha uma rotina matinal bem engessada: colocava o despertador, já imaginando os quinze minutos de tolerância. Mas, ultimamente, era ele quem acordava o despertador. Seu sono fugia quase sempre. Só não, quando resolvia transpassar o dia ainda acordado, geralmente assistindo a alguma série ou terminando um dos muitos planejamentos atrasados.

Sua geladeira era repleta de vasilhas que organizavam o seu café da manhã. Pegou aipim, batata doce, banana da terra e uma fatia de bolo de cenoura. Colocava tudo junto no micro-ondas, menos o bolo, que só entrava nos vinte segundos finais. A mesa da sala era bem grande e quase sempre estava cheia de livros que ele gostaria de ler, de livros já lidos e um jogo americano no local que o possibilitava tomar o café, vendo as notícias que inauguravam o dia. Infelizmente, o jornal matinal resolveu mostrar uma série de depoimentos de pessoas que afirmavam que as escolas deveriam ignorar a pandemia e voltar ao funcionamento, entendido anteriormente como normal.

Faltavam onze minutos para a aula começar e seu coração palpitava, dificultando o garfo e faca de manterem uma sincronia, para que ele pudesse terminar a refeição. Levantou-se da mesa para ligar o notebook, o pobre companheiro estava com a tela quebrada. Sales teve que adaptar um monitor em cima da sua pequena mesa, só para conseguir olhar os alunos. Aquela estratégia não tinha grande efeito, pois eles, em sua maioria, se recusavam a ligar as câmeras. Cada um tinha uma razão própria e todas elas eram muito maiores do que os pedidos suplicantes do professor. Sales resolveu que também não mais a ligaria e, depois disso, tirou o banho matinal da sua rotina.

- Você bem que podia tirar essa sexta de folga, né? - Estava quase apertando o botão, quando a voz surgiu.

- Eu achei que você tivesse ido embora - Ele manteve-se imóvel. Na verdade, achou que fosse um sonho. Um sonho? Não, não: um pesadelo.

- Não, professor, eu estou aqui. Exatamente aqui. - O professor percebeu que a voz vinha do sofá. Não queria virar, para não encará-lo. Além de que, o sofá estava quebrado, e seus salários atrasados atrapalharam seu plano de comprar outro.

- Por favor, pare! Você só é coisa da minha cabeça.

- Lógico que eu sou. Onde mais eu estaria? - A voz agora parecia vir da janela. - Você ainda nem regou suas plantas hoje e já vai começar a trabalhar? Acho que nem percebeu que sua cebolinha tá morrendo.

- Eu reguei ontem. Rego dia sim, dia não.

- Todo professor adora uma rotina, né? - A voz vinha se aproximando. - Que tal quebrar ela hoje? Não trabalhe, não ligue o notebook, se rebele um pouco.

- Para, Yuri, por favor! - O professor olhou aquela pequena criança se aproximando. - Eu preciso explicar a todos como vai ser o Dia do Yuri na versão remota. Não posso deixar de trabalhar hoje. Na semana que vem eu tiro um descanso.

- A diretora não aceitou mesmo o fato de você não querer ficar à frente do projeto esse ano, né? - Sales emudeceu, balançou a cabeça negativamente e sentou-se no sofá. Desde a morte do Yuri, ele foi responsável pela semana de consciência contra os males da depressão. O evento deu tão certo, que estava calendarizado pela escola e, de forma bem contraditória, era aguardado ansiosamente pelos alunos. Sales não recebia algo a mais por perder alguns cabelos e horas de sono organizando uma programação que atendesse às expectativas e conseguisse debater bem o tema. Ele até se sentia feliz em poder fazer algo relevante, mas começou a perceber que o evento virou caça-níquel de nota e que os outros professores adoravam aquilo, só pra terem uma semana sem o trabalho costumeiro de sala de aula.

Havia recebido um telefonema da coordenadora, dizendo que os alunos estavam perguntando sobre como seria o Dia do Yuri. Ele não estava em clima algum para debater algo tão profundo. Sales era asmático e, desde o início da quarentena, se manteve em casa, sem sair até para fazer compras. Aproveitava da tecnologia dos aplicativos pra isso. Pisando em ovos, recusou e explicou que não se sentia apto, não se sentia bem. A coordenadora deu uma risada estranha, porém entendeu. A diretora não. A ligação seguinte foi mais direta e objetiva, duas características que se balançam entre o positivo e o negativo: - ". . . a gente tem que saber falar com as pessoas. Eu sei o que você tá passando, mas todo mundo está passando por isso também e as crianças precisam da gente. Você é um educador, né? Então, não pode se deixar abalar por essas coisas. . ." Ela não havia perguntado como ele estava. Na verdade, ela nunca perguntou. Sales se sentiu mal em "não estar fazendo a sua obrigação de educador", e aceitou realizar o Dia do Yuri de 2020.



- Eu passei a noite toda acordado, Yuri. Fiz o rascunho do projeto todo. Se eu não trabalhar hoje, terá sido uma noite em claro, pra nada.

- E se você trabalhar nessas condições, irá se estressar. Você sabe como é complicado tentar fazer qualquer coisa diferente, olhando para essa telinha.

- Mas dava pra ser fácil. Era só os alunos ajudarem. - Ele se levantou para ligar o notebook, já que agora faltavam pouco menos de quatro minutos para a aula começar.

- Calma, professor! Antes de começar, me responde uma pergunta. - Yuri correu e sentou-se na cadeira que ele usava para trabalhar. - Quem é a pessoa, hoje, que mais se importa com o seu ensino?

O colégio Avanço havia adotado uma carga de trabalho que simulava com rigor temporal a estadia na escola. As aulas iam de 07h até às 12h20, com vinte minutos de intervalo. Isso não era bom pra coluna, visão, e muito menos para a mente. A projeção de um Yuri na sala de Sales deixava isso bem claro. Cinco horas na frente de um computador ou na frente de um celular são suficientes para qualquer mãe tirar do bolso o grito pronto: "Desliga isso, AGORA! Você já tá tempo demais nisso aí". E elas estariam cheias de razão. Por vezes, Sales tinha vontade de pedir para que sua mãe ligasse para a escola.

- Alô. Eu queria fazer uma queixa sobre o tratamento com o meu filho. . . ele é sempre o primeiro a chegar na sala, o único a abrir a câmera, entrega todas as atividades em dia, às vezes eu o vejo de tarde, falando com as pessoas da escola. . . tem que acordar cedo também aos sábados de avaliação e, quando ele pede alguma coisa na direção, tratam ele com descaso. Isso não é certo.

- Desculpe, senhora. A senhora não disse a série e o nome do seu filho. . .

O processo de avaliação era o que mais tirava o sono de Sales. Ele descobriu que os alunos faziam a prova juntos. Passou a fazer vários tipos de prova. Aí descobriu que quando um estudante toma nota baixa, a culpa é dele, pois os alunos que não sabiam que estavam respondendo uma prova diferente, tiraram péssimas notas e reclamaram com a direção. Resultado: ganharam uma segunda chance. Foi a primeira vez que Sales viu alguém ganhar uma segunda chance por ter tentado ludibriar o sistema e ter se dado mal por isso. Quer dizer, não foi a primeira vez.

- Quem mais liga para o meu trabalho? - Sales olhou pro lado esquerdo do cérebro, procurava ali uma memória que justificasse a resposta óbvia, que seria: "os alunos. Eu ensino, eles aprendem". Mas a quarentena havia deixando explícita a desesperadora fenda existente entre essas duas ações. Pensou então em ir pelo viés eliminatório. - Os alunos não têm ligado muito, a coordenação está cansada de ter que aguentar tanto problema, a direção só entra em contato pra nos cobrar algo, os pais só querem achar um novo depósito de atenção para os filhos. . . é. . . não sei, eu realmente não sei quem é a pessoa que mais liga para as aulas.

- Essa pessoa é você mesmo. - Yuri levantou e deu espaço para que Sales sentasse. - Você é professor e aluno ao mesmo tempo, e isso é triste demais.

- Por que você está sendo cruel, Yuri? Você era um menino muito bom.

- A realidade tem sido cruel, professor. - Ele o puxou pela mão e o colocou sentado na cadeira. - Eu só estou fazendo você enxergá-la. - Sales tinha um porta retrato em cima da sua mesa com a imagem que registrava o dia em que havia se formado, em que o mundo o viu preparado para enfrentar a batalha em prol da educação. Se perguntou quando foi que a sede de ensinar havia ido embora. Será que tudo sempre foi assim e o avanço da idade estava carregando-o para um local de impaciência e pessimismo ou será que, sem perceber, todos estavam deixando nítido de que haviam desistido do mundo? As duas opções eram cruéis, e foram validadas pela respiração ofegante, os dedos trêmulos e os nervos da face em total descontrole. Parecia que algo estava queimando pra fora.

- Eu não consigo. - Sales levantou da cadeira. - Eu. . . eu não consigo. - Olhou o relógio do *rack*. Sabia que, pelo horário (7h04), alguém iria ligar para perguntar onde estava, mas logo lembrou-se que desligou o celular depois da ligação da diretora, para não correr o risco de ela retornar, dizendo que havia esquecido algum detalhe da sua ordem.

- Você tentou pedir ajuda? - Yuri também olhava para o horário.

- Tentei, mas não aguentava mais as pessoas dizendo "não esquentar não", "não liga pra isso", "deixa pra lá, não se estressa". . . eu queria viver em um mundo em que a gente olha uma avalanche vindo e o primeiro pensamento é: "não vou me estressar com isso". - Sales foi novamente para o sofá. - Acho que de tanto não ligarmos, o mundo desligou.

- Todo mundo merece descansar um pouco, professor.

- Descansar? é. . . descansar. . . e agora, o que a gente faz? - Ele tinha a manhã toda pra si, sem precisar dar aula, planejar, corrigir, refazer, produzir, conversar com responsáveis, se reunir. . . era uma manhã em que a liberdade parecia sorrir. - Eu não sei o que fazer, Yuri.

- Eu também não sabia, professor.

- Desculpa, Yuri. Eu devia ter feito algo a mais por você.

- A culpa não é sua. - Ele se levantou e foi novamente até a janela. - A culpa é nossa.

A campanha começou a tocar. Era incomum receber visitas inesperadas pela manhã. Todos que frequentavam a sua casa sabiam de seus horários de trabalho. Talvez fosse a faxineira do prédio, mas ela só trabalhava segunda, quarta e sábado; a sexta-feira não era o dia dela.

- É hora de a gente ir, professor.

- Dá tempo de ver quem é? - Ele se levantou. - Eu só não quero que seja minha mãe.

- Com as mães é sempre mais doloroso mesmo.

Sales foi até o olho mágico e voltou com um sorriso. Viu no meio da sala seu corpo deitado, olhos fechados e a pele já com um tom pálido. A televisão continuava ligada em

algum telejornal, exibindo os números otimistas da pandemia, e o prato com o café da manhã, já rodeado por mosquinhas e formigas, ainda estava na mesa.

- Me pareceu a melhor alternativa, Yuri.

- Sempre parece, professor, mas não é. - Yuri começou a caminhar na direção dos quartos. - É como uma prova de múltipla escolha: você sabe que a letra que irá marcar está errada, mas parece a mais certa em comparação às outras.

- É. . . - Sales ia seguindo-o. - Acho que a vida vai me reprovar.

- Calma, professor, não se assuste. Todos nós estamos em recuperação.